

APRESENTAÇÃO

VIAGENS & VIAJANTES

É sob o promissor signo da viagem e do viajante que se inaugura este primeiro volume da Revista *CEM / cultura, espaço & memória*, que recolhe o contributo de vinte artigos e diversas notícias.

A escolha do tema – lembrando a efeméride da celebração do centenário da morte de Matteo Ricci (1552-1610), um distinto jesuíta, ele mesmo viajante, cartógrafo, evangelizador – pareceu auspiciosa para uma publicação do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», pelo que a viagem (em sentido amplo) representa em termos de comunicação internacional e intercultural. De facto, a assim designada literatura de viagens, enquanto fecunda mina de sedimentos de cultura, confunde-se com outros géneros, com os quais partilha uma fronteira ténue e de linhas flexíveis. É esta condição de deslocamento que lhe tem aberto lugar a cruzamentos claramente produtivos com áreas de estudo como a história, os estudos literários, a sociologia, a geografia, a arqueologia, a etnografia, etc. É esta natureza que a torna particularmente interessante para a conjugação de esferas de saber tão diversas como as que congregam a investigação produzida no CITCEM e que coagularam neste primeiro número da revista.

Desde finais da década de setenta que a emergência dos *Cultural Studies* rasgou perspectivas mais alargadas para os textos de viagem, ao inseri-los na categoria mais geral de textos culturais, permitindo uma leitura mais cerrada e complexa da sua dimensão ideológica, particularmente no que mais valoriza os relatos de qualquer viagem: o encontro com o «outro», que irmana as sucessivas gerações dos que viajam, sejam eles, na clássica tipologia histórica em que os apresentou Domenico Nucera, turistas, viajantes ou exploradores («Los viajes y la literatura», in *Introducción a la literatura comparada* (2002), Barcelona, Editorial Crítica, p. 284).

Efectivamente, não é por acaso que o cruzamento entre a pesquisa e as narrativas de viagens remonta a séculos tão recuados como o de Heródoto, esse viajante por terras distantes, como o Egipto, a Babilónia, a Ucrânia, a Itália e a Sicília, que fizeram dele uma figura incontornável na associação entre viagens e ciência, como o comprova a célebre revista francesa de Geografia e de Geopolítica, significativamente intitulada *Hérodote*.

O volume que agora se edita é talvez singular, no contexto português, na alargada abordagem disciplinar de um dos tópicos mais comuns da cultura ocidental: o da viagem. De certo modo, ele explicita, de uma forma ainda mais abrangente, a ambição de Pedro

Lillo Carpio, da Universidade de Múrcia, que sonhava para as Humanidades um espaço de reflexão como local de convergência da actual realidade multidisciplinar (Fernando Carmona e José Miguel García, «A Pedro Lillo Carpio», in *Libros de Viaje y Viajeros en la Literatura y en la Historia*, Universidad de Múrcia, 2006, p. 9).

Embora os congressos em torno de viagens e de viajantes tenham começado a proliferar nos últimos anos, ainda são relativamente escassas as obras de carácter transdisciplinar que a eles se dedicam, sendo normalmente os estudos literários os que têm a parte de leão nessas abordagens, como o confirmam os emblemáticos volumes coordenados por Maria Alzira Seixo (*Les récits de voyage: typologie, historicité*, Lisboa, Cosmos, 1998; *A vertigem do Oriente*, Lisboa-Macau, Cosmos, 1999; *O discurso literário da «Peregrinação»*, Lisboa, Cosmos, 1999 e *Travel Writing and Cultural Memory*, Amsterdam, 2000), que continuam a pontuar, no panorama português, como recolhidas isoladas de uma reflexão que urge alargar. Em Espanha, a já referida edição de *Libros de viaje y viajeros en la literatura y en la historia*, dedicada a Pedro Lillo, já propõe um alargamento da reflexão, situando-a simultaneamente na literatura e na história, mas, em rigor, a obra ultrapassa essas fronteiras, ao estudar as viagens de turismo actuais numa perspectiva sociológica. Assim, vivendo-se na era do conhecimento fluido, de campos disciplinares não rigorosamente separáveis, a confluência das várias metodologias e dos diversos campos do saber resultou neste curioso volume que nos permite compreender melhor a constatação de Jacques Lacarrière: «il existe tant de façons de voyager – plus en tout cas que de couleurs dans l’arc-en-ciel» (J. Lacarrière, *Pour une littérature voyageuse*, Brussels, Éditions Complexe, 1999, p. 105).

De facto, apesar da aparente unidade da temática proposta («viagens & viajantes»), o objecto de estudo foi interpretado das formas mais diversas, numa rotação que constitui uma das riquezas deste número. Da viagem exterior à viagem interior, da viagem real à alegórica, da viagem turística à viagem de divulgação de paisagens, passando pela viagem de diplomacia («Pur bonne alliance et amiste faire»), de comércio ou de devoção ou pela viagem pedagógica («Por terras de França – viagem pedagógicas de um professor casapiano») ou de acompanhamento familiar por motivos de saúde (raríssimas, no universo das narrativas de viagem de estrangeiros a Portugal, entre 1750 e 1850, como se vê em «Journal of a voyage to Lisbon»), até à viagem proporcionada pelos novos adventos técnicos dos caminhos-de-ferro em Portugal (ver «As viagens ferroviárias em Portugal») e outras (mesmo as que se situam um pouco na convergência de muitos destes vectores, como se afirma sobre «a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto revisitada»), todos os artigos se deslocam ao longo de um eixo central em rotação caleidoscópica. Se a literatura é simultaneamente produtora e depositária de cultura, a perspectiva dos estudos comparatistas, associada aos métodos da imagologia, permite perceber encontros com o outro, através da mediação de viajantes que escrevem os seus relatos. É o caso dos de Albert T’Serstevens, Olivier Roland e Max Alhau, resultantes da sua percepção de Portugal em momentos muito diversos da vida portuguesa do século XX. Ou do de João Chagas, em relação ao Rio de Janeiro de finais do século XIX. Ou dos de Cook, Banks e Parkinson perspectivando o Brasil colonial.

Fora da esfera da prosa literária, a poesia viaja de espaços físicos concretos para, num itinerário progressivo de «imersão», mapear paisagens humanas e íntimas, como em «A lição do Nordeste», ou para, nos trilhos da intertextualidade e dos *itineraria mentis*, revelar, com João Penha, o poder e a valorização da viagem imaginária.

Assim, a proposta deste dossier temático deu o mote para abordagens muito diversas a textos de viagens e permitiu alargar este número a áreas recentes de investigação, como a da fotografia (ver «A doença de viajar» ou a «Viagem de J. Laurent a Portugal»), dando lugar a artigos que percorrem um arco cronológico de largo fôlego, desde o antigo Egipto até 1997, situando-se no âmbito dos espaços geográficos mais dispersos (França, Rússia, Inglaterra, Espanha, Portugal, Brasil, Oriente, etc.). A totalidade dos artigos permite constatar o modo como cada área de investigação agulhou o seu saber para o tema da viagem e do viajante, de onde resultará, certamente, uma mais alargada e insuspeitada extensão destes conceitos. Tomaram-se como material de reflexão as fontes mais diversas, provenientes de manuscritos inéditos, de publicações esquecidas ou praticamente desconhecidas, jornais, poemas distintos cujo cotejo permitiu perceber as raízes e a consistência de determinada concepção de viagem, fontes arquivísticas pouco trabalhadas, cartas, diários, registos de agremiações (cf. «Peregrinos e viajantes no Norte de Portugal»), notas de viagem, fotografias, representações iconográficas, etc. O viajante recorta-se, assim, entre o peregrino, o navegador, o comerciante, o turista, o poeta, o pedagogo, o cientista, o embaixador, o diplomata, o fotógrafo, o pintor, etc.

Rompendo parcialmente com o clássico paradigma dos estudos da viagem a Portugal realizada por estrangeiros ou da viagem de portugueses em Portugal ou no estrangeiro, a revista não se centra apenas no universo português ou de portugueses e pulveriza os vários sentidos da viagem, que vão da viagem física às representações da viagem até ao Além, propostas, por exemplo, pela leitura iconográfica dos túmulos do Antigo Egipto, ou à viagem interior suscitada pelas estampas que ilustram a tradução espanhola do *Viaje dela Tierra Sancta*, de Bernardo de Breidenbach, em 1498, onde as imagens que ilustram os lugares santos visitados pelo autor cumprem a função de permitir uma viagem aos passos evangélicos vividos nesses lugares, possibilitando a quem lá não foi uma viagem através da contemplação e da meditação espiritual que elas suscitam.

É, pois, uma larga tipologia de viajantes e de viagens que aqui se propõe, pela qual o relato de viagem, enquanto memória cultural que é, permite aceder muitas vezes a um património cultural esquecido, desaparecido ou desvirtuado ou ao qual só se tem acesso através de saberes linguísticos que permitem ler fontes originais (ver, a esse propósito, o artigo de José Milhazes, que, usando fontes em russo, proporciona uma percepção de alguns navegadores russos sobre as colónias portuguesas, no século XIX). Mas também o inverso acontece: partindo de património cultural (fotografias, gravuras, diários, relíquias, monumentos, etc.), alguns artigos reconstituem memórias culturais a preservar para a identidade individual e colectiva do ser humano, cuja condição é, afinal, a de *homo viator* (veja-se, por exemplo, «Ambrosio Morales; un viaje para la reconstrucción de la memoria cristiana de un Reino»).

A produção científica que aqui se reúne congrega investigadores seniores com a mais jovem investigação que se faz nos vários grupos de investigação do CITCEM. A larga adesão desses novos investigadores é, aliás, algo que cumpre registar com agrado, pois aqui publicam o resultado das suas pesquisas, depois de passado o crivo da revisão científica. E se a maior parte das aporções a esta revista provém de investigadores do CITCEM, é com o maior gosto que a CEM acolhe a participação, nas diversas secções previstas pelo seu programa editorial, de investigadores exteriores à Unidade, como Luís Adriano Carlos, Ana Paula Coutinho, Fátima Outeirinho, Elsa Pacheco, Ângela Domingues e Rosa Capelão.

A apresentação de todos estes artigos adoptou, com maior ou menor adequação, a proposta de Théodore de Bry que, na *Historia Americae sive Novi Orbis* (M. Merian, 1634), encontrou seis grandes forças subjacentes ao impulso de viajar: *generositas, curiositas, voluptuositas, utilitas, necessitas e fatalitas*. E, ainda que as taxonomias, neste campo, devam servir para clarificar o tipo de viagem e a motivação do viajante (já para não falar de outras coordenadas, como a expectativa do leitor ou do editor, por exemplo), a complexa problemática das viagens não se deixa apreender facilmente em qualquer tipologia. A adopção destas seis categorias permite acolher, sob designações algo gerais, quer o tipo de viagem, quer o de viajante, quer ainda a perspectiva que cada autor pretendeu dar ao objecto de que se ocupou. Aliás, qualquer alinhamento dos textos que agora se publicam será, necessariamente, parcelar ou insuficiente, pois a sua totalidade apresenta-se sugestivamente como um «navio de espelhos», parafraseando o poeta Mário Cesariny, ao reflectir viagens «do princípio do mundo até ao fim do mundo». É por toda esta diversidade que entre o escritor-viajante e o leitor se estabeleceu, desde sempre, uma nunca esgotada cumplicidade.

Isabel Morujão
Editora da CEM 2010